

Ribeirão Preto, 20 de dezembro de 1999.

Recebi sua carta com surpresa e satisfação. Você não pode imaginar a minha alegria. Por um lado por lembrar-se de mim; por outro, saber do seu crescimento profissional e intelectual. Agradeço a você e a Deus se realmente contribuí para que isso acontecesse, mas acredito que todo esse sucesso é resultado de seu esforço. Sempre foi um aluno dedicado e entusiasmado pelo que fazia e um ser humano surpreendente. Sua luz brilhará sempre, clareando seu próprio caminho e o das pessoas que de você se aproximam. Pedirei a Deus, em minhas orações, para que todos seus projetos se concretizem. Você merece. É um exemplo de vida bem vivida.

A escrita como tecnologia da linguagem

Cristiane Dias¹

Introdução

A reflexão que aqui apresento insere-se no grupo de pesquisa DiCiT – Discurso, Ciência e Tecnologia, do Laboratório de Estudos Urbanos, da Unicamp. Esse grupo nasceu com o intuito de reunir trabalhos em torno da noção de “tecnologia do eu”, de Foucault (1995), a partir da qual o autor mostra que em todas as sociedades o sujeito produziu diferentes tecnologias para moldar-se à vida.

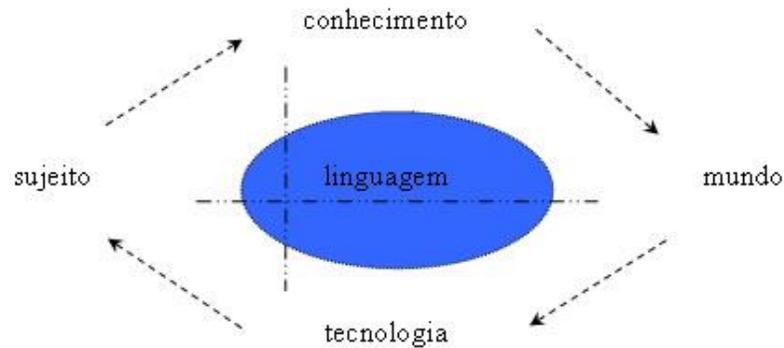
¹ Pesquisadora do Labeurb/Nudecri – Unicamp. Coordenadora do Grupo de Pesquisa DiCiT/Labeurb - Unicamp.

Nossa proposta é, então, colocar em discussão, na perspectiva do discurso, as tecnologias produzidas pelo sujeito para significar (e se significar) o mundo, a sociedade contemporânea. Nessa sociedade, o espaço urbano é o espaço material, no qual o simbólico e o político, segundo Orlandi (2001), articulam-se produzindo efeitos no modo como a linguagem se espacializa.

Entendemos que para chegarmos à construção de um saber sobre o sujeito e sobre as técnicas que ele utiliza para se relacionar com o mundo e produzir conhecimento, é preciso compreender o funcionamento do urbano e das relações urbanas, pois, para mim, a tecnologia se manifesta e se significa, hoje, no espaço da cidade.

Nessa perspectiva, a característica fundamental do DiCiT é reunir estudos relacionados à construção do conhecimento na relação com as linguagens da tecnologia em diferentes materialidades discursivas: a materialidade digital, a materialidade urbana, a materialidade imagem em movimento, entendendo que todas essas materialidades se atravessam, e não funcionam separadamente.

Entendemos que as forças de produção são justamente o aspecto material dessas diferentes discursividades e o ponto que nos permite refletir sobre elas. É mister, assim, observar que consideramos materialidade não de modo empírico, mas como um processo no qual língua, ideologia e inconsciente se relacionam no discurso. Desse modo, considerando que conhecimento e tecnologia estão ligados, pela linguagem, nosso esforço nesse grupo é o de compreender o modo como essa relação produz efeitos de sentido na vida do sujeito, na sua constituição e na própria formulação e circulação do conhecimento. Pois, se, por um lado, conhecimento e tecnologia estão ligados, por outro, sujeito e conhecimento também não se separam. Com isso, formamos um triplo indissociável: sujeito, conhecimento e tecnologia, buscando mostrar como o sentido do conhecimento de si e do mundo é inseparável do sentido da tecnologia, e esta, por sua vez, é inseparável da “narratividade urbana” (Orlandi, 2004), espaço material onde os sentidos circulam e se constituem produzindo efeitos na vida social.



Através desse esquema, podemos visualizar melhor o modo como o sujeito e o mundo, atravessados pela linguagem, fazem parte tanto do sentido vertical, na relação com o conhecimento e com a tecnologia, uma vez que são determinados historicamente pelo conhecimento e pela tecnologia; quanto do sentido horizontal, no modo como o conhecimento e a tecnologia se textualizam, pela linguagem, nas condições de produção da sociedade contemporânea. A linguagem é, pois, o eixo central da produção de todo e qualquer conhecimento sobre si, sobre o mundo, através da tecnologia.

Assim, cada integrante do DiCiT, a seu modo, e com seu objeto de análise específico, tem buscado compreender a relação sujeito, conhecimento e tecnologia, através da linguagem e das diferentes materialidades discursivas, no sentido de construir um saber consequente acerca de nossa própria sociedade.

Sujeito, conhecimento e tecnologia

No meu caso, a “escrita como tecnologia de linguagem” (Orlandi, 2001) é o que tem me levado a compreender que o modo de produção do conhecimento sobre a língua advém da construção do conhecimento do sujeito acerca de si mesmo e acerca do mundo, pois no mesmo instante em que o sujeito produz e pratica uma técnica para se dizer e se relacionar com o outro, ele produz uma ‘mexida’ na estrutura da língua. Sabemos que língua e cultura não se separam, sendo assim, no momento em que o sujeito é afetado pelos sentidos de uma cultura (ideologia) tecnológica determinada, há, necessariamente, repercussões na língua.

É nesse sentido que a noção de “tecnologia do eu” analisada por Foucault (1995, p. 50) a partir do princípio délfico *gnothi sauton*, e do *epimelesthai sautou*, a saber, o “cuidado de si”, é fundamental em meu trabalho. O autor aponta o *Alcibíades I*, de Platão, como a primeira elaboração filosófica do interesse pelo cuidado de si. Na análise que faz das principais características do cuidado de si inscritas nesse diálogo, o filósofo mostra que este cuidado consiste no conhecimento de si e que a vida política está atrelada a esse conhecimento. “A ocupação consigo mesmo e as atividades políticas estão relacionadas”², diz Foucault (Ibid., p. 59), pois cuidar de si mesmo pressupõe cuidar das atividades exercidas por cada um, vigiar as próprias ações. Contemplar a alma no elemento divino, eis o princípio sobre o qual se funda a ação política.

O tema filosófico do “cuidado de si” tem a técnica da escrita como uma de suas características mais importantes para obedecer ao princípio délfico. Técnica da escrita ou o que Orlandi (2001) chama “tecnologia da escrita”, pensada por essa autora como “forma de relação social”.

Uma das primeiras e mais antigas tecnologias produzidas pelo sujeito para conhecer-se a si mesmo é, portanto, o gesto de escrever. Por essa razão, é a partir da compreensão da historicidade da escrita, ou seja, do trajeto dos sentidos que a escrita como tecnologia foi produzindo quando da utilização de diferentes ferramentas e suportes, que podemos compreender que as diferentes formas de relação social estão ligadas a uma tecnologia e que a forma do conhecimento tem a ver com essa tecnologia.

É por isso também que dizemos que a invenção de diferentes tecnologias gera necessariamente uma mudança na cultura e na memória. A cultura oral, a cultura do manuscrito, a cultura do impresso, a cultura de massa (midiática), a cultura digital. Cada uma delas traz em si uma memória e uma sociedade.

Podemos relacionar a cada uma dessas épocas, diferentes gestos:

falar = voz (cultura oral)
escrever = manuscrito (cultura do manuscrito)
digital = *digitus* } (cultura digital)
teclar = tecla }

² Tradução livre: La ocupación consigo mismo y las actividades políticas están relacionadas.

Assim, falar, escrever, digitar/teclar vão produzir sentidos diferentes e diferentes conhecimentos do mundo, pois cada um desses gestos têm repercussões no modo como nos relacionamos com o conhecimento. Em cada uma dessas relações muda a relação do sujeito com a linguagem.

Vandendorpe (1999), no texto intitulado **No começo era a escuta**³, nos diz que a relação com a linguagem, durante muito tempo, passou pela orelha e que essa é a nossa primeira via de acesso à linguagem.

Esse autor mostra que nas sociedades orais temos um discurso que se produz num fluxo temporal linear. O discurso oral é “prisioneiro do fio temporal” (Ibid., p. 27). Pensemos em seguida que a passagem da oralidade para a escrita não se deu de imediato e que esta passagem provocou mudanças não só na formalização, mas também na constituição, na circulação do discurso e no pensamento. Uma tendência dessa mudança formal no início era a reprodução/transcrição da ordem linear do discurso oral para o escrito, e isso está diretamente relacionado à questão da formalização.

Segundo Vandendorpe (Ibid.), mesmo com o papiro manteve-se uma leitura pautada sobre o fluxo linear da oralidade, visto que a materialidade do papiro, enrolado sobre si mesmo, não permite uma expansão da escrita e mantêm-se sobre a tutela do oral, exigindo uma leitura linear e contínua, pelo fato também de que o leitor não podia parar para fazer anotações durante a sua leitura, pois precisava das duas mãos para desenrolar o papiro.

Com o codex, a página fará o texto entrar na ordem do tabular, ou seja, uma forma de organização que recairia sobre o aspecto bidimensional da formalização. O texto é organizado em duas colunas e internamente ele se organiza em forma de perguntas e respostas, para ser mais legível. Os parágrafos são marcados por um símbolo e os caracteres das primeiras letras são maiores.

Com o surgimento do jornal e da imprensa, no século XIX, a leitura se tabularisa ainda mais, nos diz Vandendorpe (Ibid.). O texto toma a forma de um mosaico e escapa radicalmente da linearidade da fala, apresentando-se em forma de blocos. Existe, portanto, uma ordem temporal que regula a organização de um texto. Na oralidade, essa lógica é temporal e, com a escrita, ela passa a ser espacial, pela tabulação. O que mostram alguns autores (Chartier, 1999;

³ Tradução livre. “Au commencement était l’écoute”.

Vandendorpe, 1999) é que com o codex, em relação ao papiro, há uma mudança de atitude mesmo física em relação ao texto: “liberando a mão do leitor, o codex lhe permite de não mais ser o receptor passivo do texto, mas de se introduzir nele no ciclo da escritura pelo jogo das anotações”⁴ (Vandendorpe, 1999, p. 53).

É, pois, com o codex, que o texto se dissocia da oralidade e do seu ritmo, pela descontinuidade que esse suporte permite construir.

Nisso há uma mudança no aspecto temporal que se dá pela passagem da oralidade para a escrita. Assim, questionamos: que implicações têm essa mudança para o conhecimento sobre a língua? O que a instituição de um tempo presente mobiliza em termos sociais, linguísticos, pedagógicos, educacionais, históricos, ideológicos? Se o postulado de Descartes *penso, logo existo* dominou durante muito tempo a história do pensamento e a concepção de homem, como podemos compreender, hoje, o postulado *clico, logo sei/sou* veiculado pela internet e que domina os formas de pensamento do sujeito contemporâneo? Nesse ínterim, que relações de poder noções como as de instantaneidade (do clique) propõem ao sujeito contemporâneo que, ao clicar do mouse, tem acesso a uma gama de informações? E que relações com o saber isso implica?

Como podemos constatar, a técnica da escritura ao longo dos séculos assumiu diferentes aspectos a partir das tecnologias que a ela estavam ligadas, como as do codex, da imprensa, do computador. Mas também a partir da figura do amigo, do mestre, do professor, da igreja, da cidade, que constituem esse imaginário do conhecimento e que o fazem circular de determinada maneira.

Assim, as formas da escrita contemporânea que utilizam a tecnologia digital, especificamente a escrita no computador, colocam o sujeito em relação com distintos imaginários.

Considerando que há um deslizamento de sentido de escrever para digitar para teclar, podemos dizer que temos, de um lado, o imaginário da internet, das redes sociais, da liberdade da forma, da velocidade da escrita.

A esse imaginário podemos atribuir o gesto de “teclar”. Teclamos nos programas de conversa instantânea, como MSN, salas de bate-papo, etc. Nesse gesto, a tecla

⁴ Tradução livre: En libérant la main du lecteur, le codex lui permet de n’être plus le récepteur passif du texte, mais de s’introduire à son tour dans le cycle de l’écriture par le jeu des annotations.

assume o controle da escrita na letra que falta, que repete, que precipita o sentido da velocidade, que cria o corpo da escrita: a corpografia (Dias, 2008).

VÍDEO 1 – tc_msn: <http://www.labeurb.unicamp.br/videoscris/>

De outro lado, o imaginário da tela em branco, o copiar/colar, o deletar, o rearranjo textual. O texto como um quebra-cabeça. Digitamos ao escrever um e-mail, ao escrever um texto, um artigo. Não dizemos nunca “vou teclar um texto”, dizemos “vou digitar um texto”; dizemos, no entanto, “eu estava teclando no MSN”. Quando se trata de um e-mail, dizemos ainda “escrever um e-mail” ou “digitar um e-mail”, pois o imaginário do e-mail é bastante afetado pelos sentidos da correspondência postal, da manu-escritura, como diz Orlandi (2001, p. 83), “em que a (manu) mão, enquanto corpo, falha, tornando possível um gesto outro”. A esse imaginário podemos atribuir o gesto de digitar.

VÍDEO 2 – email: <http://www.labeurb.unicamp.br/videoscris/>

São gestos distintos que nos põem em contato com escritas distintas e com distintos imaginários. Temos ainda o imaginário da folha em branco, a caligrafia bem cuidada, a escrita lenta e linear, a carta postal que atravessa distâncias (espaços) e não somente velocidades (tempo), redes, fibras óticas, como no caso do e-mail. Embora possamos dizer que a carta postal percorre tempo e distância, pois a espera da correspondência é parte do sentido que ela produz no sujeito que lê, é também verdade que essa espera (tempo) é determinada pelo espaço percorrido. Ao passo que no caso do e-mail é ao contrário, é a velocidade da rede (banda larga, discada) que determina o espaço percorrido. Todos esses elementos vão constituindo o imaginário da escrita e afetam o modo dessa escrita, a grafia, repercutindo na língua.

Assim, ao imaginário do “gesto da mão em escrita, em traço, em signo” (Orlandi, 2001), podemos atribuir o gesto de escrever.

Ribeirão Preto, 20 de dezembro de 1999

Recebi sua carta com surpresa e satisfação. Você não pode imaginar a minha alegria. Por um lado por lembrar-se de mim; por outro, saber de seu crescimento profissional e intelectual. Agradeço a você e a Deus se realmente contribuiu para que isso acontecesse, mas acredito que todo esse sucesso é resultado de seu esforço. Sempre foi um aluno dedicado e entusiasmado pelo que fazia e um ser humano surpreendente. Sua luz brilhará sempre, clareando seu próprio caminho e o das pessoas que de você se aproximam. Pedirei a Deus, em minhas orações, para que todos seus projetos se concretizem. Você merece. É um exemplo de vida bem vivida.

Quanto a mim ... estou morando aqui há um ano. No começo foi difícil cortar as raízes e começar vida nova. As mudanças são dolorosas, mas como dizem: Nada acontece gratuitamente. Quem sabe se minha missão deve ser realizada aqui também? Tenho estudado bastante. Procuro manter:

- me atualizada. Estou dando aulas de redações. Gosto muito.
Constantemente lembro-me de você. Aquela prato com o qual você me presentear, uso-o até hoje.
A Gabriela vai iniciar a pré-escola no próximo ano (frequenta a escolinha desde os seis meses). Ela conseguiu identificar a palavra Gabriela na carta escrita por você.
Como irá trabalhar na cidade de Campinas apareça aqui em Ribeirão. É perto.
Se encontrar o Valdeir e a Fernanda mesmas (ai de Castilho) diga-lhes que estou mandando um abraço.
Parabéns pelo sucesso.
Que Deus o proteja sempre.
Um abraço
Malu.
Peço-lhe desculpas por estar respondendo só agora a sua carta. Estava viajando.

Figura 1: Carta do arquivo pessoal.

Como vemos, temos três diferentes modos de escrita: teclar, digitar, escrever. Nesses diferentes gestos da mão em escrita, a relação imaginária do sujeito com a língua e com o conhecimento sobre a língua é diferente porque o seu funcionamento muda. Há, assim, palavras tecladas, palavras digitadas, palavras escritas.

Conclusão

A escrita pensada em sua história mostra-nos que a relação do sujeito com a linguagem passou sempre pela técnica, pela invenção de uma tecnologia que permitisse a manifestação simbólica do sentido do mundo. A invenção dessa tecnologia da escrita passou pela utilização de instrumentos distintos que constituíam uma imagem sempre diferenciada da linguagem humana. Se a oralidade é a nossa primeira via de acesso à linguagem, a escritura é o que coloca a linguagem na ordem do visual, do olhar, o que antes era da ordem da escuta. Da escuta à escrita temos uma história da produção de sentidos do mundo, a saber, da relação do sujeito com o conhecimento e deste com a tecnologia. A form(a)ulação do conhecimento e o modo como ele circula através da escrita, seja na pedra, no barro, no papiro, no codex, no livro impresso, nos muros da cidade, na tela do computador, é o que temos chamado “tecnologia da linguagem”. Nesse estágio da pesquisa que venho desenvolvendo no/com o grupo DiCiT, tenho atentado para o fato de que essa tecnologia tem um efeito sobre a escrita e sobre a língua. Não se escreve no computador da mesma maneira que se escrevia no papiro ou na pedra. Assim, não são apenas os instrumentos que mudam, mas a relação do sujeito com a linguagem, com a escrita, com o conhecimento sobre a língua; mudam as relações sociais, as relações imaginárias.

O meu questionamento de análise é, portanto, qual é o efeito que cada tipo de escrita tem na língua? Que deslocamento os diferentes modos de escrever, com seus instrumentos específicos e suas condições de produção específicas, produzem na língua?

Referências

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo Camello Corrêa de Moraes. São Paulo: Ed. UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

DIAS, Cristiane. **Da corpografia: ensaio sobre a língua/escrita na materialidade**. Coleção Cogitare. Santa Maria: UFSM/PPGL, 2008.

Foucault, Michel. **Tecnologias do eu y otros textos afines**. Trad. Mercedes Allendesalazar. Barcelona: Paidós, 1995.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

_____. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

VANDENDORPE, C. **Du papyrus à l'hypertexte**: essay sur lês mutations du texte et de la lecture. Paris: La Decouverte, 1999.